



*O Triunfo de Dom Quixote - Enio Squeeff, óleo sobre tela, 2,59 x 4,09 m - 2006*

## Sobre uma Leitura de "Dom Quixote"

A se crer na conta dos eruditos, que contabilizaram mais de 200 personagens na obra de Cervantes, os não mais que trinta e poucos que eu pintei no painel "O Triunfo de Dom Quixote" não se constituem senão a minha visão. Óbvio. Vali-me da abertura que a obra de Cervantes permite, tanto na inclusão do próprio (no personagem, em azul, que segura um livro à direita), passando pela sugestão do pintor a trabalhar no quadro (na parte esquerda, logo abaixo do que seriam o cura e um dos muitos mouros que comparecem no romance), além de uma ilação, para muitos absurda, como a inclusão de Santo Amaro, o próprio santo, a olhar para Dom Quixote (na parte de cima, esquerda); assim como o bandeirante Borba Gato (à esquerda, acima de Cervantes; e como homenagem evidente ao monumento de Júlio Guerra), mas que só nasceria algumas décadas depois da publicação do livro.

São digressões que o maravilhoso imanente à obra de Cervantes permitem. Nunca me ocorreria, por exemplo, omitir as duas raparigas (uma delas segura uma flor) que logo no começo do romance comparecem, assustadas, perante o Cavaleiro da Triste Figura como a anunciar sua loucura santa. Da mesma forma a menina, em sua túnica cor de rosa, que eu não imagino senão a sorrir para o cavaleiro. E que, na segunda parte do romance faz-se porta-voz do próprio Cervantes na admiração pelo português Luís Vaz de Camões (morto 25 anos antes da publicação do romance).

Há ainda, como não podia deixar de ser, o irrecusável da menção a uma Dulcinéia que, de propósito, eu mal esbocei sobre o cru da tela como uma mulher nua, por não existir senão no imaginário erótico de Dom Quixote (logo acima dele, num nicho -altar?).

E enfim, já que "tutto è burla" como diria aquele personagem shakespeariano do imortal Verdi (Falstaff), compus uma natureza morta com frutas tropicais não só a atrair Sancho Pança e seu Russo, mas a lembrar que o Brasil pertencia à Coroa Espanhola na época.

De resto, há o nome do painel. Batizei-o como um "Triunfo" que nunca existiu a não ser como ironia de quem partilha em tudo a maior lição do romance - de não sermos senão a ilusão do sonho da vida. E de que não há como fugir à condição de, ora como Dom Quixote, ora como Sancho Pança, sem triunfos possíveis, sermos também, na nossa mortalidade fundamental a imortal obra de Cervantes.

Enio Squeeff